

## Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade: uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski

Mónica Santana Baptista<sup>1</sup>

### Resumo:

A reflexão parte de uma análise de *Decálogo I*, de Kieslowski, tendo como base as concepções de Sigmund Freud e Simone Weil em torno da relação do Homem com o transcendente e a religião. O episódio parte do primeiro mandamento, *Amarás Deus sobre todas as coisas*, e centra-se na relação de um pai com o filho, e de como aquele baseia a educação que dá à criança na crença que tem nos progressos científicos e computacionais. Ao invés, a irmã, tia de Pavel, quer dar uma educação católica ao menino. Pavel quer saber o que é a morte, e vive entre a visão agnóstica e a cristã. Acontece um trágico acidente que a ciência e cálculos do pai não conseguem prever, e que o Deus da tia jamais explicará. O que fica é a fragilidade da vida, o sofrimento de ambos os irmãos – perante o acaso, que nenhum deus ou falso deus explicará.

**Palavras-Chave:** cinema; Kieslowski; Decálogo; fragilidade; Deus; morte.

### Abstract:

The reflection starts from an analysis of Kieslowski's *Decalogue I*, and is based on the conceptions of Sigmund Freud and Simone Weil about the relationship between Man and the transcendent and religion. The episode departs from the first commandment, *You shall love God above all things*, and focuses on the relationship between a father and his son, and on how the former bases the education he gives to his child on his belief in scientific and computational progress. Instead, his sister, Pavel's aunt, wants to give the boy a Catholic education. Pavel wants to know what death is, and lives between the agnostic and the Christian views. A tragic accident happens which the father's science and calculations cannot predict, and which the aunt's God will never explain. What remains is the fragility of life, the suffering of both siblings – in the face of hazard, which no god or false god will explain.

**Keywords:** cinema; Kieslowski; Decalogue; fragility; God; death.

---

<sup>1</sup>\* Doutorada em Artes (FL – UL) Professora Adjunta Convidada do Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema / monica.santana.baptista@gmail.com

Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
 uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
 Mónica Santana Baptista

*Coração, sê atencioso  
 alma, sê tolerante  
 paciência, foge se não consegues suportar o sofrimento  
 razão, vai e brinca aos teus jogos infantis.*  
 Rumi

*Percorrerei o caminho dos teus mandamentos,  
 quando ampliares a minha compreensão.*  
 Salmo 113: 32

## 1. Crença, fragilidade e sofrimento

No primeiro episódio de uma série de dez que Krzysztof Kieslowski fez<sup>2</sup> durante 1988 e 89 para a televisão polaca, o realizador parte do Primeiro Mandamento do Antigo Testamento, *Amarás Deus Sobre Todas as Coisas*, para falar sobre o lugar do acaso e do imponderável na vida, à luz de duas concepções do que poderia ser *deus*. Este caminho – filosófico e ao mesmo tempo narrativo – desemboca num desfecho que sublinha a fragilidade da existência, e que toca em dois vértices: as crenças na tecnologia, linguística e ciência do pai de Pavel, e a fé da tia em Deus e no transcendente. Podemos falar de uma concepção de graça, segundo Simone Weil, que não consegue superar a gravidade do fim, com a morte da criança. Ou de sucedâneos para deus que não anulam o sofrimento da perda.

De que lado fica a força ou a fraqueza, a razão ou a emoção, deus e seus sucedâneos, quando acontece um desvio, e o acaso interrompe a ordem natural da vida, provocando a morte de Pavel, no filme que abre a série Decálogo? É aqui que surge a fragilidade, que une o pai agnóstico e a sua irmã, tia de Pavel (que nunca abandonou a fé católica, ao contrário do irmão). O sofrimento de ambos é indestrinçável das crenças de cada um. A tia não conseguiu impedir que Pavel morresse, acreditando nesse insondável, tendo a sua fé como centro um só Deus – como professa o mandamento. O pai, tendo feito os seus cálculos matemáticos no computador, crendo na ciência, testando o gelo, não consegue evitar o imprevisto que faz com que o lago se quebre e o menino tenha o acidente fatal. Também nenhuma crença consegue trazer Pavel à vida, depois do acidente, ou encontrar explicações para o que sucedeu.

Afirma Freud em *O Mal Estar na Civilização*:

<sup>2</sup> Os dez episódios foram escritos em conjunto com o seu amigo e colaborador Krzysztof Piesiewicz.

Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
 uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
 Mónica Santana Baptista

**dob** **La**

A pergunta pelo sentido da vida já foi colocada inúmeras vezes; ainda não obteve, e talvez nem sequer admita, uma resposta satisfatória. Alguns daqueles que se puseram esta pergunta acrescentaram: a vida perderia todo o valor caso se viesse a descobrir que não tem sentido. (Freud, 2008, p.23)

A fragilidade vem da constatação do mistério e perenidade da vida. Simone Weil, em *A Gravidade e a Graça*, complementa o pensamento freudiano.

A morte constitui o que de mais precioso foi dado ao homem. Por isso o sacrilégio supremo reside em usá-la mal. Mal morrer. Mal matar. [...] Depois da morte, o amor [...]. A guerra e Eros constituem ambos fonte de ilusão e de engano entre os homens. A sua mistura constitui a maior impureza. (Weil, 1994, p.88)

Façamos um resumo do filme: Pavel vive com o pai, professor de Linguística; a mãe está algures no estrangeiro, o menino raramente tem notícias dela. Um dos passatempos que partilham é fazer cálculos de física no computador, ou despoletar mecanismos à distância, como a abertura de uma torneira. Pavel gosta destes desafios, mas o que na verdade lhe interessa são as perguntas metafísicas que faz para o ecrã – quer, por exemplo, saber com o que é que a mãe sonhou nessa noite. A criança depara-se com um cão morto no gelo (presságio do que acontecerá no desfecho do filme), que a faz perguntar ao pai o que é a morte. Este responde que a morte é a falência do corpo, e que as pessoas continuam vivas enquanto existirem na memória de outros. É tudo uma questão biológica para o pai de Pavel. Ao invés, a tia mostra-lhe fotografias do Papa, e quando a criança lhe pergunta o que é Deus, esta dá-lhe um abraço. Deus é esse ilegível que acontece num encontro, e que atravessa e une dois humanos com o Seu amor. Deus é amor e o amor é Deus.

O pai e Pavel fazem durante alguns dias cálculos para verificar se o gelo do lago, que fica perto de casa, aguenta com o peso de um adulto ou de uma criança. Na tarde em que Pavel não tem explicações, decide ir patinar sozinho. Contra as estimativas calculadas e verificadas, o gelo quebra. Pavel cai, morre. Tia e pai unem-se nessa dor. O pai, no fim, revolta-se contra os ícones da igreja (por onde já várias vezes passara e se cruzara com fiéis em silêncio e oração). Nada traz a criança de volta, nada explica o que aconteceu. Tudo isto sob o olhar de um misterioso homem, que tudo parece observar e em nada intervém, aquele que se senta no meio do gelo.

## 2. O olhar impassível do «anjo»

É com essa figura que começa o filme, após o pré-genérico que revela a tia a olhar para imagens da criança na televisão (depois da morte desta – o mistério de

Pavel ainda correr, estar vivo no ecrã). O homem, sentado no gelo, isolado, junto de uma fogueira, testemunha o que se passa naqueles blocos de apartamentos de subúrbio, em concreto no de Pavel e do pai. Olha para a câmara, impávido, triste: quem é, o que faz ali, por que não fala ou intervém como personagem?

Quando questionado sobre esta presença, o realizador argumenta que este homem, que surge em momentos cruciais da maioria dos episódios, pode ser um anjo, ou apenas alguém anónimo que assiste às vidas alheias, e nada pode fazer para nelas intervir.

Existe um homem que deambula por todos os filmes. Eu não sei quem ele é; apenas um homem que vem e observa. Observa-nos, as nossas vidas. Não está muito satisfeito connosco. Ele vem observar e parte. Não tem qualquer influência no que está a acontecer, mas é uma espécie de sinal ou aviso para aquele que ele observa, se derem pela sua presença [...], por isso introduzi a personagem a que alguns chamam «o anjo».<sup>3</sup> (Kieslowski, 1995, pp.158-159)

Para Simone Weil, esta figura seria alguém próximo de Deus, dada a sua indefinição como personagem. «Deus e o sobrenatural permanecem escondidos e sem forma no universo. É bom que permaneçam escondidos e sem nome na alma. De outro modo, arriscamo-nos a ter sob esse nome o imaginário» (Weil, 1994, p.59). A presença física deste «anjo» reforça o mistério, as perguntas com que o filme nos deixa, o lado do inominável – passagem que a narrativa faz entre o imanente e o transcendente.

### 3. Os avanços da ciência vs. o «sentimento oceânico» da religião

A tia quer dar uma educação católica a Pavel, para que ele esteja em comunhão com Deus, ou, como argumenta Freud, partilhe de

uma intuição da ‘eternidade’, de um todo, da ausência de limites, um sentimento, por assim dizer, ‘oceânico’. Este sentimento é [...] um facto puramente subjectivo, não se constituindo em artigo de fé nem estando associado a nenhuma certeza quanto à imortalidade pessoal; é no entanto ele a origem da energia religiosa que as várias igrejas e sistemas religiosos represam [...] (Freud, 2008, p.10)

<sup>3</sup>Tradução minha. Texto original: *There's this guy who wanders around in all the films. I don't know who he is; just a guy who comes and watches. He watches us, our lives. He's not very pleased with us. He comes, watches and walks on. (159) He doesn't have any influence on what's happening, but he is a sort of sign or warning to those whom he watches, if they notice him. (...) so I introduce the character whom some called 'the angel'.*

Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
 uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
 Mónica Santana Baptista

**dob** **La**

O menino vive num impasse, curioso com a morte, e sonhando com o dia em que voltará a ver a mãe. Procura respostas no ecrã do computador; este, por vezes, liga-se sozinho à noite, sem responder ao que Pavel quer (*Estou à espera*, é a frase que aparece no ecrã, misteriosamente, duas vezes). Em paralelo, o pai antecipa-lhe a prenda de Natal, os patins com os quais irá patinar no lago. O lugar da incerteza familiar é transferido para a dúvida existencial. Para a criança, não é fácil lidar com a morte, que lhe surge pela primeira vez ao ver o cão morto. O pai esconde-se atrás da ciência. «Não é cómodo lidar cientificamente com sentimentos» (Freud, 2008, p.10), escreve Freud. Mas é esse o escudo do pai – tentativa de chegar ao sentimento «oceânico» por outras vias que não sejam a religião, ficando

[...] lado a lado, como uma espécie de contrapeso, com o sentimento do eu mais restrito e claramente delimitado da vida adulta, e o seu conteúdo conceptual seria precisamente o da ausência de limites e de união com um todo, (...) a ideia de um sentimento 'oceânico'. (Freud, 2008, p.10)

Na sociedade actual, encontramos sucedâneos para esta fonte de energia religiosa. O pai de Pavel gere a sua vida pelos sistemas informático, da linguística e da tradução; para ele seria sempre possível calcular cientificamente qualquer premissa das leis da física, tal como uma língua é sempre passível de ser transposta, sem perdas, para outra. A alma, o transcendente e o imponderável não existem nos seus sistemas racionais: tudo pode ser explicado, calculado ou traduzido. Porém, nem tudo é sustentado pelos progressos que o homem foi inventando. *Amarás um só Deus sobre todas as coisas*. As crenças do pai não salvam o filho, não previnem o acidente. Não evitam o sofrimento.

Se esses “falsos deuses” idolatrados pelo pai não impedem a morte, o que dizer do Deus que é amor da tia? A fragilidade perante a perenidade da existência toca ambos. E, talvez neste sentido, caíam por terra as palavras de Freud:

A maior eficácia resulta de saber elevar-se suficientemente a obtenção de prazer com origem no trabalho psíquico e intelectual. Tornamo-nos assim, em certa medida, imunes ao destino. Uma satisfação desta espécie, como sejam a alegria do artista na criação, quando dá corpo às suas fantasias, ou do cientista em resolver problemas e descobrir verdades tem uma qualidade que lhe é peculiar e que seguramente um dia conseguiremos caracterizar em termos metapsicológicos. (Freud, 2008, p.28-29)

#### 4. Morte, aceitação do vazio e redenção

Kieslowski fala da fragilidade da vida à luz dos referidos pólos de forças, fazendo-os co-existir, sendo que nem um nem outro consegue atravessar as linhas do imponderável, impedindo a morte de Pavel. Fragilidade e acaso estão também na origem das histórias de *Decálogo*, como refere o realizador:

Acredito que a vida de toda a gente tem valor para ser escrutinada, com os seus segredos e dramas. Por isso, quisemos começar cada filme de modo a sugerir que a personagem principal foi escolhida ao acaso pela câmara.<sup>4</sup> (Kieslowski, 1995, p.146)

«Morte. Estado instantâneo, sem passado nem futuro. Indispensável para aceder à eternidade.» (Weil, 1994, p.40) O contraponto de Weil é o da eternidade; que não dissipa a fragilidade da vida, e, neste caso, o sofrimento que a morte da criança provoca nos familiares. Em *Decálogo I, Amar um só Deus sobre todas as coisas* não afasta a fragilidade do imanente, da existência; não nos dá uma justificação para o que aconteceu, não nos fala de um futuro num suposto eterno paraíso. Ficamos com o presente, e este é sofrimento, resultado daquilo que nem Homem (o pai, a tia, o «anjo») nem deuses parecem controlar.

Apesar de o seu Deus lhe puder servir de consolo, e lhe ter ensinado que a ressurreição existe, a tia de Pavel partilha do sofrimento do irmão agnóstico – não existe salvação para a criança aqui na terra. E ambos os irmãos continuam vivos, apesar da morte da criança. Do mesmo modo, os “falsos deuses” do pai deixam-nos perante a questão freudiana:

Quanto aos filósofos que julgam poder salvar o Deus da religião substituindo-o por um princípio impessoal, vago e abstracto, teríamos vontade de, juntando-nos às fileiras dos crentes, os confrontar com a injunção: ‘Não invocarás em vão o nome do Senhor!’ (Freud, 2008, p.21-22)

No entanto, sabemos que a existência é intolerável para a vivermos sem esse contrapeso, o próprio Freud o admite: «A vida, tal como a encontramos, é-nos demasiado difícil, traz-nos demasiados sofrimentos, desilusões, tarefas impossíveis por cumprir. Para a suportar precisamos de paliativos.» (Freud, 2008, p.22) Pavel não tem explicações de inglês, decide ir patinar. Os cálculos do pai e as suas confirmações à noite, ao visitar o lago, apontariam para o gelo ter suporte suficiente para aguentar o

<sup>4</sup> Tradução minha. Texto original: *I believe everybody's life is worth of scrutiny, has its secrets and dramas. (...) So we wanted to begin each film in a way which suggested that the main character had been picked by the camera as if at random.*

Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
 uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
 Mónica Santana Baptista

**dob** **La**

peso da criança, e até de um adulto. Portanto, o que aconteceu? Que gesto invisível lançou mão dos sistemas científico-matemático e religioso, e “provocou” a queda de Pavel ao lago? Como escreveu, num dos seus haikus, Bashô: «folhas caídas – // quando os deuses se ausentam // surgem as ruínas.»

O Homem evita a experiência emocional da ruína, do vazio e falta de sentido.

Talvez a graça – ou uma espécie de revelação – aconteça no desfecho do filme, após a morte da criança. Perante a fragilidade e o sofrimento intolerável, o pai entra na igreja vazia, derruba os ícones, rebelando-se contra o Deus que não salvou o filho. De seguida, banha a testa com um pedaço de gelo, como se voltasse a baptizar-se, pedindo consolação, e, quem sabe, o perdão. Atinge-o a culpa e o remorso. Os seus “falsos deuses” não só não lhe serviram de paliativo para a vida como indirectamente lhe tiraram o filho. «Uma ciência que não nos aproxime de Deus não vale nada. Mas se nos aproxima mal, quer dizer, de um Deus imaginário, é pior...» (Weil, 1994, p.60). É isto que o pai constata neste momento climático.

Na maior das crises pode acontecer o vazio – é ele que apela a uma conversão, ainda que também esta não deixe de ser a tentativa de terminar com o inconcebível da morte acidental de uma criança. A fragilidade que busca uma ilusória eternidade, ou uma resposta para os mistérios da mortalidade.

Para Weil, seria a aceitação da graça. «A graça preenche, mas ela não pode entrar se não onde existe um vazio para a receber, e é ela que constrói esse vazio» (Weil, 1994, 16). O vazio acontece no mais extremo sofrimento para o pai. Como conclui Kieslowski (Kieslowski, 1995, p.149): «Gostaríamos de ser honestos, mas não conseguimos. Com todas as decisões que fazemos todos os dias, nunca podemos, em última análise, ser honestos». <sup>5</sup> Tomando estas palavras, podemos comentar a importância da presença do «anjo» que nos olha no começo do filme e surge em momentos dramaticamente decisivos, sem nada fazer que impeça a tragédia. Não pode impedir as personagens de fazer escolhas e tomar decisões; não pode mudar o rumo dos acontecimentos – o destino. Ele observa os homens, no lugar de Deus, mera testemunha passiva e triste.

O que o filme atravessa é esse lugar em que «o homem escapa às leis deste mundo apenas no ápice de um relâmpago» (Weil, 1994, p. 16). O pai de Pavel não equaciona o acaso e o imprevisível como variáveis da existência; as leis do mundo visível podem escapar-nos num ápice, e o trágico torna-se irreversível. Da morte subjaz o vazio. «Aceitar um vazio em nós mesmos é sobrenatural», escreve Weil (*ibidem*). Neste caso, a fragilidade da vida vem da aceitação do vazio como representação do mundo e do sofrimento humanos. «A energia

<sup>5</sup> Tradução minha. Texto original: *One would like to be honest, but one can't. With all the decisions you make everyday, you can never be ultimately honest.*

deverá vir de algum lado. No entanto, é necessário, antes de tudo, um arranque, qualquer coisa de desesperado, para que primeiro se produza o vazio. Vazio: noite obscura (*ibidem*). O desespero do pai, a sua culpa sobre o que não pôde controlar e prever.

O corpo de Pavel é descoberto na noite gelada. Nada mais resta ao pai do que o silêncio e o abraço que ele e a irmã dão um ao outro, e, mais tarde, a revolta contra os ícones eclesiais, contra Deus. No fim, tenta aceitar o vazio como contrapeso da gravidade e da mortalidade, banhando a testa com o gelo – mas nada salva Pavel, nada o salva a ele do sofrimento abissal perante a morte do filho. Eis a mais extrema das fragilidades: «Meu Deus, permite que me transforme em nada» (Weil, 1994, p.16). Parece esta a súplica final do pai, início da sua *via crucis*. Esta via da crucificação/ressurreição é um lugar central para a tia, católica e crente em Deus. Mas o crucial é que ambos os irmãos enfrentem esta dor do luto. «À medida que me torno em nada, Deus ama-me através de mim» (*ibidem*).

Ficam os dois no silêncio, têm-se um ao outro, e à dor que os une. Nessa união pode também ter lugar a fé. Conclui Weil: «A fé é a prova de que a inteligência é iluminada pelo amor» (*ibidem*). A linguística e a ciência, bem como esse lugar onde podemos *crer num só Deus sobre todas as coisas*, unem-se no Amor – e no vazio que fica com a perda inconcebível de Pavel. Eis o espaço para a Graça. Para a afirmação desta fragilidade e aceitação do mistério que é viver e estar vivo. Porque no momento seguinte o tempo pode parar.

## 5. O acaso e a fragilidade do tempo

O tempo subjectivo prevalece, no fim de Decálogo I; por seu turno, o tempo cronológico parece ter ficado suspenso, em termos emocionais, com a morte da criança. A vivência da experiência deste tempo, do que é o presente - o “aqui e agora” -, é absorvida pelo vazio da ausência de sentido daquela morte - que, assim, se torna no centro dramático das personagens do pai e da tia. Trata-se de um lugar de intervalo, em que ambos não sabem ainda lidar com a perda, com o sofrimento e o luto. Fica apenas a ausência. Escreve Weil:

O tempo, propriamente dito, não existe (excepto o presente como limite), e, no entanto, estamos submetidos a ele. É essa a nossa condição. Estamos submetidos ao que não existe. Quer se trate da duração passivamente sofrida – dor física, esperança, desgosto, remorso, medo –, quer do tempo organizado – ordem, método, necessidade –, nos dois casos, aquilo a que estamos submetidos, não existe. Estamos, realmente, presos por correntes irrealis. O tempo, irreal, cobre todas as coisas e até nós mesmos, de irrealidade. (Weil, 1994, p.56)



Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
 uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
 Mônica Santana Baptista

**dob** **La**

Kieslowski termina de forma circular esta fábula moral, mas não moralista. Vemos novamente a tia, a olhar para a montra de uma loja onde, num televisor, passam em câmara lenta imagens do sobrinho na escola, na tarde em que fizeram uma reportagem na sua escola. Ficam as memórias, como explicou o pai a Pavel na manhã em que este descobriu o cão morto e como vemos neste desfecho do filme. Mas as memórias não bastam, mesmo à tia, mulher de fé. A sua fragilidade perante a morte injusta, imprevista do sobrinho provocam-lhe igual sofrimento. O «sentimento oceânico», a fé, o Deus em que ela acredita não trazem Pavel de volta. Daí ela ficar petrificada, a chorar, perante as imagens que passam na televisão. Imagens do presente, pertencentes a um tempo em que Pavel estava vivo.

O que subjaz – sobre tudo e atravessando todos – é a fragilidade e a vida. Em última instância, nascer, estar vivo, morrer, não deixam de estar sujeitos às leis do acaso (o que quer que elas sejam...). Como afirma Weil:

Acaso. Os seres que amo são criaturas. Nasceram do acaso. O meu encontro com eles constitui também um acaso. Não-de morrer. O que pensam, o que sentem e o que fazem é limitado por e mesclado de bem e de mal. Saber isto com toda a alma e nem por isso amá-los menos. Imitar Deus que ama infinitamente as coisas finitas enquanto coisas finitas. (Weil, 1994, p.108)

Saber isto não elimina a fragilidade em que pai e tia permanecerão, a fragilidade do que sucedeu. Apenas os coloca face-a-face com o sofrimento. Ainda Weil:

A infelicidade se depara com muito menos obstáculos. O sofrimento ameaça-nos com três frentes: o próprio corpo, destinado à decadência e à dissolução, que não pode sequer dispensar a dor e o medo enquanto sinais de aviso; o mundo exterior, que nos pode acometer com forças imensas, implacáveis, indestrutíveis; e por fim a relação com os outros. O sofrimento resultante desta última causa é-nos talvez mais doloroso que as restantes; [...]. (Weil, 1994, p.25)

O livre arbítrio é individual; as escolhas que fazemos momento-a-momento na vida têm consequências; no entanto, formam o nosso destino, juntamente como o que não podemos nunca planear ou explicar. É esta a liberdade, a angústia e a fragilidade do ser humano – oscilação entre o visível e o invisível, o que controlamos e o que jamais podemos controlar. Pois, como refere Kieslowski: «O que é que, na essência, é certo e o que é errado? O que é uma mentira e o que é verdade? O que é a honestidade e o que é a desonestidade? E qual deve ser a nossa atitude?»<sup>6</sup> (Kieslowski, 1995, p.149)

<sup>6</sup> *What, in essence, is right and what is wrong? What is a lie and what is truth? What is honesty and what is dishonesty? And what should one's attitude to it be?* (tradução minha)

Da fragilidade da vida e do mistério da gravidade:  
uma leitura de Decálogo I, de Kieslowski  
Mónica Santana Baptista

**Referência filmográfica:**

Kieslowski, K. (1988). *Decálogo I – Amarás Deus Sobre Todas as Coisas*.

**Referências bibliográficas:**

Freud, S. (2008). *O Mal Estar na Civilização*. Trad. de Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D'Água.

Stok, D. (Ed.) (1995). *Kieslowski on Kieslowski*. London: Faber & Faber.

Weil, S. (1994). *A Gravidade e a Graça*. Trad. de Dóris Graça Dias. Lisboa: Relógio D'Água.